Trabalhadores! Sois pequenos porque estaes de joelhos. Levantae-vos!»

O SYNDICALISTA

Redactor responsavel — ORLANDO MARTINS | Gerente — LEOPOLDO MACHADO

ANNO VII — NUMERO 12 | *ORGAM DA FEDERAÇÃO OPERARIA DO RIO GRANDE DO SUL (Adherida á Associação Internacional dos Trabalhadores em Berlim)* | Porto Alegre, 13 de Fevereiro 1926 SABBADO

Ao entrar o Anno Bom

lê-se a sina ao Proletario

Vem cá Proletario amigo, vem cá. Desejo ler-te a sina na palma da mão . . .

Não me fites assim com esse ar de desconfiança. Não sou quem tu suppões, não sou desses cavalheiros mysteriosos que annunciam no «Diario de Noticias» as suas faculdades estupendas de adivinhos. Não me tomes tampouco por esses ciganos tisnados que andam pelas feiras da provincia a ler sinas ás moçoilas, antevendo-lhes um futuro cheio de ventura, na companhia de esposos ricos e bonitos. Desses leitores da *buena dicha* tambem eu desconfio, como tu, porque na minha vida, como na tua, apenas a *mala dicha* me tem servido de estrella protectora.

Estende-me, pois, a tua mão, Proletario, estende francamente a tua mão a um amigo verdadeiro. Estamos no começo dum novo anno, do Anno Bom, como se [illegible] quero ler na palma da tua mão qual será, o teu destino durante este anno.

Anda, resolve-te, da-me a tua mão. ¿Desconfias de mim? E' até certo ponto justificavel esse teu receio ¡Já tanta gente te vaticinou bellos destinos, prenhes de felicidades! No tempo da monarchia, nos comicios, os republicanos leram-te sinas maravilhosas, prometeram-te uma existencia cheia de venturas. E depois . . . foi e é o que tu sabes . . . Tens razão para desconfiar — tomas-me, decerto, por qualquer politico vulgar que deseja prometter te tudo o que ambicionas, tudo o que entrevês nos teus sonhos de pária.

Mas não, amigo, eu não sou politico, não desejo sequer que votos no meu nome nas proximas eleições. Dà-me, pois, a tua mão, não hesites, porque eu só pretendo falar-te a linguagem da verdade.

Deixa-me ver a mão. E' calosa e dura. As linhas da vida estão destruidas por sinaes de ferimentos, de escoriações profundas. Meu pobre Proletario, a tua «vida» está seriamente ameaçada pelo trabalho. ¿Em tudo? Desces a mina, as entranhas da terra; sobes ao andaime; ergues os palacios; atravessas os oceanos: edificas pontes; fazes circular os comboios; arranca, do seio do mar encapellado o peixe que nos nutre; lavras e semeias; divertes o mundo no palco dos theatros; cantas nas operas; escreves romances; estudas, nos laboratorios, os meios de debelar as doenças. Nas tuas mãos está a vida da humanidade inteira. ¿Que admira, por-tanto, que as tuas mãos estejam deformadas pelo trabalho?

A pesar desses calos benditos, eu posso ler-te na mão a tua sina. O passado conhecel-o, resume-se em duas palavras: miseria e escravidão. O futuro, o futuro que entrevês brumoso, pleno de nuvens que annunciam tempestade, é que te interessa.

Este anno de 1926 este Anno Bom, será para ti, Proletario, tão bom ou peor do que os anteriores. O trabalho mesmo miseravel, mesmo mal pago, faltar-te-á quasi por completo e tu ver-te-ás na dura contingencia de veres teus filhos estiolarem-se de fome, sem lhes poderes acudir. Tua companheira irá levando, um a um, para a casa de penhores todos os objectos que no lar poderiam dar conforto a teus filhos. Verás com tristeza transpor a porta da rua o guarda-fato e a mesa de jantar, a velha arca e as cadeiras, os ferros da cama e os cobertores — e, por fim, as proprias enxergas. Um dia, não havendo mais nada que empenhar, atrazada em muitos mezes a renda da casa, um beleguim qualquer escorraça-te do unico abrigo, põe-te na rua. Vaguearás então com a tua companheira e filhinhos, pela cidade, sem amparo, dormindo nos portais. A' noite, um pouco envergonhado, atreves-te a esmolar pelas esquinas. Depois vem a degradação moral, habituas-te a vida de mendigo e pedes esmola mesmo de dia. Tua companheira vende cautelas, e as crianças perdem-se na vadiagem da rua.

Um dia notas com espanto que a tua companheira traz mais de dinheiro do que o permitiria o reles negocio da loteria. Reparas que ella ainda é nova e bonita. E advinhas tudo — é a prostituição. Insurgeste. nos primeiros momentos mas o caldo ás horas, o lar que novamente começa a organizar-se, retem-te o impulso de moralidade. Fechas os olhos. E, por fim, és tu proprio que lhe exiges o dinheiro que ella colhe alugando o corpo. Precisas desse dinheiro porque a taberna que assiduamente frequentes, constitui já um vicio dominante que te perturba o raciocinio e te faz descer, um a um, todos os degraus escorredios da corrupção.

Bem vês, Proletario amigo, que a sina que hoje leio na palma da tua mão calosa não se parece com a *buena dicha* dos ciganos nem com as promessas de felicidade dos politicos.

¿Revoltas-te contra as minhas palavras? Achal-as duras, offensivas, brutaes? Revoltas-te porque te falo a verdade. Se te mentisse, como os outros, como os charlatães da politica dar-me-ias vivas entusiasticos e levar-me-ias em triumpho, ao parlamento, quiça á dictadura, ao governo despótico e absoluto. E entretanto, a verdade que predisse não deixaria de realizar-se inexoravelmente.

Só tu proprio — e não os deuses, e nunca os que fazem promessas maravilhosas — poderás, se quizeres, modificar o teu destino. Como? Extinguindo as fontes impuras da iniquidade social que te impede para a miseria e para a corrupção, abatendo a sociedade capitalista e substituindo-a por outra, mais bella, mais livre, mais equitativa.

M. D.

Da «Batalha», de Lisboa.

O „companheiro" Lenine

(Excerpto — De Casanova)

O soviet de Pentza tem seu domicilio na aprazivel casa do antigo governo civil. No cume da fachada fluctua uma enorme bandeira rubra. A' porta estão duas sentinellas armadas.

Faz um calor suffocante.

Os dois soldados, de vez em quando, trocam impressões.

— Os recem-mobilisados fugiram quasi todos — diz um. De duzentos que eram não se apuram mais que uns cincoenta.

Tornarão a cahir no laço — opina o outro soldado.

— Claro que sim; porém, que vale um exercito semelhante?

Esses camponezes não querem combater. Não pensam mais que em suas casas e suas mulheres.

— Não tenhas cuidado: Lenine lhes saberá dar uma bôa lição.

• • •

O corredor que desemboca para o salão do Soviet, encontra-se cheio de gente: homens, mulheres e até creanças. Todos mal vestidos, fracos. Parecem convalescentes de uma longa enfermidade.

Fala-se em voz baixa.

— Fazem já quatro dias que venho aqui, — diz um ancião de olhos esmaecidos. Necescito «licença» para ir a Kuznetsk, onde mora minha irmã. Escrevem-me que ella está gravemente enferma, quasi a morrer. Porém, o presidente não me quer dar permissão. Não sei o que fazer...

— E's ainda muito ingenuo — observa um seu vizinho, que parece um commerciante de varejo. Dê uma *propina* ao secretario do soviet. Aquelle joven, rubro, que está á direita do presidente... Dê-lhe um *papelucho* de 25 rublos e em seguida terá você a... «licença.»

— Devéras?

— Não duvides, não. Esse é o modo de se conseguir as cousas em toda a Russia. Assim foi e assim será sempre. Ha dias tinha eu um assumpto no soviet. Dirigi-me ao secretario. Elle escutou-me attentamente, e logo, sem dizer uma palavra, levantou tres dedos.

— Tres dedos?

O auditorio manifesta uma grande curiosidade.

— Sim, tres dedos, o que quer dizer trezentos rublos.

— E deu-os, você?

— Claro que sim. Que ia eu fazer?

• • •

De vez em quando a porta se abre, e os peticionarios [illegible] Soviet.

Ao redor de uma grande mesa, coberta por um panno vermelho, estão sentados os membros da Soviet, com o presidente ao centro. Emfrente do presidente, pregado á parede, está um enorme retrato de Lenine, — no mesmo logar em que antes da revolução estava o retrato do tzar.

Todo o salão é adornado com bandeiras rubras.

— Outro? — ordena o presidente.

Entra uma velhinha; sua cabeça treme, suas mãos tremem, todo seu corpo parece sacudido por extranhas contorsões.

— Que queres, avózinha? — pergunta o presidente. — Quando pensas em morrer?

Com vóz tremula, timida, tartamudeando e supirando, a velha supplica que se lhe devolva o filho, mobilizado. E' o unico que lhe dá pão e caricias: os outros dois morreram na guerra contra os allemães.

— Vae-te, avózinha — responde o presidente. — O que pedes, é impossivel. Necessitamos de soldados.. Vae-te, avózinha... Outro...!

• • •

Entra um grupo de camponezes, com crescidas barbas e abundantes cabelleiras. Timidamente se detem no humbral, começando, desde ahi, a saudar, inclinando-se muito.

— Approximem-se! O que quereis? Não falem todos de uma vez!

Um camponez se destaca do grupo, acerca-se da mesa e, com seu gorro na mão, começa num tom supplicante:

— Vossa Excellencia! Tenha piedade de nós! — Soffremos tanto!

— Não diga palavras inuteis! Que ha?

— O «Comité dos Pobres» nos estrangula. Está composto pelos peores individuos da aldeia... Ebrios e bebedos... Apoderam-se de nosso trigo, de nossos cavallos, comem nossas gallinhas.. E mais ainda: comportam-se muito mal com nossas mulheres e filhas... Nunca temos soffrido tanto... Supplicamos a Vossa Excellencia, tome alguma medida..

Todo o grupo saúda de novo, inclinando-se até o sólo.

O presidente olha-os com nojo:

— Sempre estão vocês aborrecendo-nos com suas queixas [illegible]. Dirijam uma peti[illegible]... Logo veremos... [illegible], deixa-nos...

• •

Entra um homem, vestido com um traje novo de seda crúa, e excellente chapéo de palha.

E' um rico commerciante.

— Bons dias!

— Bons dias, senhor Pajomow! Que tal?

O presidente se levanta e estreita a mão do recem-chegado.

— Ha já muito tempo — continúa o presidente — que não nos viamos.

Como vae?

— Obrigado! Nem bem e nem mal.. Trago um assumpto.

— A's suas ordens! Sente-se...

Pajomow senta-se ao lado do presidente, e com elle trava uma conversação amistosa, intima, em vóz baixa.

— Companheiro presidente! — diz meia hora mais tarde, um guarda vermelho, entrando no salão. — Ha muita gente que espera... Entre outros uma delegação da fabrica de tecidos deseja falar-lhe... Queixam-se os componentes de que se lhes faz perder muito tempo...

— Que se vão embora! Diga-lhes que estou occupado. Que voltem amanhã...

E dirigindo-se a Pajomow, resmunga cerrando os dentes:

— Que gente mal educada! Não são capazes de deixar uma pessôa chalrear um pouco com um amigo...

Mujik.

S. Paulo, I—926.

Um grito de rebeldia!

Os trabalhadores organizados na Federação Operaria resolveram protestar contra os actos vandalicos dos governantes do Brasil

Como não podia deixar de ser, os trabalhadores organisados no seio da Federação Operaria, resolveram encetar protestos contra o vandalismo do governo do Brasil que, aproveitando se do pretexto que lhes forneceu as revoluções no Rio e em S. Paulo, encarcerou nas immundas prisões do Rio, para depois deportar para a ilha do Oyapock, os nossos mais intemeratos camaradas militantes no movimento operario daquellas capitaes.

Oyapock para os trabalhadores do Brasil, que gemem, principalmente no Rio e em S. Paulo, nas garras foribundas do clericalissimo governo do sr. Arthur Bernardes, que tem atraz de si os mais reaccionarios burguezes, que vivem nas egrejas batendo no peito, mas acoitando o estrabismo fanatico do actual presidente da Republica contra os trabalhadores que se batem por uma sociedade de relações racionaes, baseadas na felicidade para todos os homens, hade ficar na historia dos trabalhadores como uma mancha de sangue generoso dos opprimidos a reclamar a acção energica e consciente de todos os trabalhadores, para derrubar esta sociedade de torpezas e de crimes!

Bem sabiam os governantes do Brasil que, mandar homens para a maldicta ilha do Oyapock, seria condemnal-os a uma morte certa. Região infectada de insectos, de doenças febris contagiosas e incuraveis, logar onde, nem siquer as arvores produzem fructos com que um homem se possa alimentar. Nossos camaradas, sem recursos, sem roupas, doentes da sua quasi totalidade por serem maltratados nas prisões onde o alimento, além de pessimo, era insufficiente para todos os presos, não lhes chegando as mãos os poucos mil réis que os trabalhadores enviavam, só teriam que succumbir, miseravel e cobardemente assassinados!!

Era a condemnação á pena de morte que dizem os politicos ter sido abolida no Brasil.

Porque, perguntamos nós, essa condemnação á morte?

Mesmo que fossem os nossos camaradas revolucionarios politicos, teriam os governantes o direito de mandal-os matar?

Acaso os politicos que dominam actualmente não fizeram a Republica com um golpe revolucionario?

Sim, nós o sabemos, não nos illudimos quanto á justiça de todos os politicos, de todos os governos. Por isso saberemos luctar contra todos os governos, que não são mais que a incarnação das paixões de meia duzia de individuos, paixões antiracionaes e antihumanas!

Não podia ser outra a sorte daquelles homens que levaram toda sua vida a batalhar para que os homens comprehendessem quanto é iniqua e prejudicial a barbara organisação social actual, baseada na exploração do homem pelo homem!

A burguezia do Brasil céga pela sua ambição de ouro e de dominio, pensou que matando trabalhadores na região maldicta do Oyapock, iria matar os anceios de liberdade e bem estar de todos os trabalhadores e homens de consciencia!

Vã chimera. As licções dadas pela historia não foram aproveitadas por essa mentalidade que se julga tão potente e que não vê que cava sua propria ruina!

«Quanto mais oppressão mais revolta». Ainda que a revolta ás vezes se afigure não existir ella se radica nas consciencias e nos corações, esperando as opportunidades para o seu desencadeamento.

Depois podeis chamar de «canalha» podeis relembrar o que chamais «crimes» esquecendo as vossas acções.

Todos os homens tem o extincto de ser felizes, e, principalmente os que produzem o necessario á vida. Estes, que são os que mais soffrem, saberão achar o caminho para realisar a felicidade relativa que ambicionam, mais tarde ou mais cêdo.

Não será então a força que hoje vos é dada pelos proprios homens que trabalham, que vos irá valer!

—

Das varias centenas de camaradas nossos que haviam sido presos e deportados para a região do Oyapock não restavam, quando recebemos as ultimas noticias, mais que quarenta e tantos e isso mesmo, muitos já em estado comatoso.

Sabendo desses factos, a Federação Operaria, resolveu levar a 31 de Dezembro de 1925, um comicio de protesto em praça publica, o qual se realisou na Praça da Alfandega tendo fallado varios camaradas protestando e explicando esses vandalismos e concitando os trabalhadores organisados de todo o Estado e do Brasil a fazerem o mesmo.

Syndicato dos trabalhadores em Madeiras

Em virtude do que abaixo esclarecemos, pedimos aos camaradas para comparecerem na Federação no dia 18 do corrente, para se tratar de interesses pertencentes a classe.

Se o tempo permittir, haverá no dia 21 do corrente mez, um pic-nic dos trabalhadores em madeiras, no qual se levará diversas surprezas de distracções, assim como tambem pedimos a quem nos queira obsequiar com algum presente para a kermesse, o favor de entregal-os nos seguintes lugares:

Livraria Internacional, rua Voluntarios da Patria n. 365; Rua do Parque n. 112 das 20 ás 22, os camaradas secretario e Thesoureiro, Pereira Franco Reis n. 57.

Movimento associativo

Federação Operaria local

Como de costume, a Federação Operaria local, se tem reunido todas as terças-feiras, tendo ficado resolvido levar-se a effeito um Pic-nic, no dia 7 de Março na Chacara do Sr. Germano Petersen, (Floresta), valendo para esse Pic-nic as entradas que foram vendidas para o festival que deveria se ter realisado em Dezembro do anno passado.

Para preparar o necessario para o exito dessa festa campestre, foi nomeada uma commissão composta do secretario da Federação Operaria e do thesoureiro do syndicato dos Alfaiates.

Na penultima reunião, ficou resolvido realisar-se, domingo 31 de Dezembro, um comicio de protesto pelo assassinato de que estão sendo victimas os camaradas presos e que foram deportados para a ilha do Oyapock, sendo para isso distribuidos boletins de convite aos trabalhadores em geral, e que se realisou na Praça da Alfandega.

— Foi tambem resolvido chamar-se aos metallurgicos em geral, pois á F. Operaria, varios trabalhadores dessa classe mostraram o desejo de reorganisar o seu Sydicato.

— O companheiro Mario Franco, apresentou renuncia ao cargo de thesoureiro do Syndicato de Officios Varios, allegando não poder attendel-o convenientemente e, prestando contas, sendo resolvido, que o thesoureiro da Federação fosse eleito para esse cargo por unanimidade, tendo aquelle companheiro acceitado.

—

Syndicato dos trabalhadores em Madeira

Este Syndicato, continua realisando todas as quintas-feiras as suas reuniões de assembléa geral.

Nessas reuniões, têm sido discutida a maneira com que os patrões têm agido, procurando prejudicar a classe dos trabalhadores em madeira.

Continuam as reuniões da classe para tratar desse assumpto, apezar de, em muitas casas, os trabalhadores em depositos de madeira já terem feito, com a sua solidariedade, recuar muitos patrões.

—

Syndicato dos Alfaiates, Costureiras e Annexos

Este Syndicato tem realisado a rua do Parque n.º 112, suas reuniões para tratar dos interesses do classe, tendo convidado para ellas os socios ou não socios.

—

Sociedade União Maritima

Com o fim de effectuar varias conferencias de propaganda associativa, excursionou para varias localidades do Estado o secretario da S. U. Maritima, acompanhado do camarada Manoel Porfirio e do conferencista Symphronio de Magalhães.

Balancetes do „O Syndicalista" dos ns. 6-7-8-9-10 e 11

ENTRADAS

Syndicato dos Alfaiates, P. Alegre	57$000
Syndicato dos Trabalhadores em Madeira, P. Alegre	55$000
União Maritima R. G. do Sul	100$000
União Racional Israelita, P. Alegre	10$000
Syndicato dos T. em Const. Civil, Pelotas	25$000
Syndicato dos Estivadores, Pelotas	50$000
Liga Operaria, Pelotas	20$000
União Operaria, Bagé	25$000
Syndicato Padeiral, Bagé	25$000
União Operaria, Alegrete	25$000
Syndicato Padeiral, S. Maria	25$000
Syndicato dos Canteiros, Cap. Leão	113$900
Syndicato dos Canteiros, P. Alegre	50$600
Syndicato Padeiral, P. Alegre	20$000
João Francisco, Pelotas	10$000
João Martins, Pelotas	120$000
Assignantes — Rio Grande	31$000
C. Ferreira — Rio Grande	40$000
Luiz Zanini, Rio Grande	10$000
Lamotte, Bagé	40$000
Cecilio Santos, Bagé	120$000
Pedro Santos, Bagé	1[illegible]$000
Oscar Borba, P. Alegre (assignantes)	41$500
M. Feldmann, P. Alegre	20$000
D. Luz, P. Alegre	7$000
Mario Franco, P. Alegre	20$000
União Estivadores P. Alegre	2$000
H. L. Karps, Porto Alegre (Pacotes)	3$000
C, Andre, P. Alegre	10$000
Venda avulsa	17$000
Minas do Butiá	22$500
Somma:	1:186$500

SAHIDAS — N. 6 7 8 9-10

Deficit do n. 5 do «O Syndicalista»	20$000
Impressão n. 6 7 8 9-10 e 11	69$000
Carretos	59$000
Sellos Correio	41$800
Um cliché	20$000
2.000 recibos — talões	30$000
2 ks. regletas e entrelinhas	15$200
Cordão	4$400
1.000 acções	42$000
Diversas	20$000
	1.121$400

BALANÇO:

Entradas:	1.168$000
Sahidas:	1.121$400
Saldo para n. 12	46$600

Porto Alegre, 15—1—26.

Fr. Kniestedt.

****

O Syndicalista

Deante de difficuldades que se têm apresentado, para a publicação regular do nosso jornal, somos forçados a pedir aos nossos assignantes desculpas, declarando quanto ás assignaturas que, cada mez corresponde a 4 numeros, e que dessa maneira não serão prejudicados os que tomaram assignaturas mensaes, pois nos vamos esforçar para que recebam tantos numeros publicados quantos correspondam aos mezes pagos.

A Administração.

3º Congresso Operario

O proletariado organizado do Rio Grande do Sul reaffirma seus propositos libertarios, resolvendo combater todos os partidos politicos

Continuação

O delegado do *Syndicalista*, termina apresentando a seguinte moção que foi aprovada unanimemente:

Considerando que os Grupos Libertarios podem prestar revelantes serviços á emancipação do trabalhadores, pois têm como objectivo o preparo moral e intellectual de seus componentes: discutindo assumptos sociologicos, promovendo palestras instructivas e conferencias, etc.

Considerando a necessidade que têm os camaradas afines de se reunirem, confraternisando na acção necessaria á emancipação de todos os homens, o 3.º Congresso Operario do Rio Grande do Sul lembra a necessidade de, sempre que houver opportunidade sejam esses grupos fundados.

Ao iniciar-se os trabalhos da 8.ª sessão o companheiro Orlando, propõe, que, para reaffirmar o facto historico de ser a primeira vez que tomava parte num Congresso Operario do Rio Grande do Sul, uma operaria fosse a mesa presidida pela companheira Alzira Werkauser, o que foi acceito, sendo constituida pois a

Mesa

da companheira Alzira Werkauser, para presidir e para secretarios os companheiros Rodolpho Xavier e João Martins, da Liga Operaria de Pelotas, passando a tratar do thema

A politica no seio dos trabalhadores

Fallando sobre elle os companheiros, Orlando, Mauricio, Augusto, Sebastião, Kniestedt, Colmeneiro sendo após muito debatido apresentada pelo companheiro Orlando a seguinte moção que foi approvada:

«Considerando que, no ultimo Congresso Operario do Brasil, no qual os trabalhadores organisados do Rio Grande do Sul se fizeram representar, após minuciosamente estudado este thema — «A politica no seio dos trabalhadores» — foi a politica, em suas diversas modalidades declarada a mais formidavel barreira que se oppõe ás aspirações igualitarias dos trabalhadores que, dentro da sociedade burgueza, se organisam para defender seus interesses economicos, moraes e intellectuaes mas que, almejam como objectivo principal de suas luctas o estabelecimento de uma sociedade baseada no livre entendimento e no accôrdo mutuo, fazendo desapparecer, portanto, todo e qualquer organismo coercitivo, ainda mesmo que elle tenha o rotulo de operario:

Considerando que, a Revolução Russa, longe de demonstrar o contrario das doutrinas pregadas por Kropatkine, Bakounine, Malatesta, Proudon e outros philosophos libertarios que affirmam a necessidade de, após a cahida da sociedade burgueza, organisarem-se os trabalhadores em federações de productores livres, sem qualquer organismo politico, como o primeiro passo para a instauração do communismo libertario, traçou praticamente o caminho que têm o proletariado á seguir, proponho: Que as organisações operarias, representadas no 3º Cocgresso Operario do Rio Gr. do Sul combatam interna e externamente, sempre que fôr possivel, todos os partidos politicos, ainda mesmo que se apresentem com a burla da da tal dictadura do proletariado, porquanto, almejamos — uma sociedade de amôr, de trabalho e harmonia — condição essencial para que o homem possa de facto, ser livre sobre a terra livre.

Approvada essa moção o companheiro Feldmann apresentar para integral-a o seguinte pacto que foi depois de discutido approvado unanimemente:

Pacto de solidariedade

Considerando que o desenvolvimento scientifico tende cada vez mais, a economisar os esforços do homem para produzir o necessario á satisfacção de suas necessidades; que essa mesma abundancia de producção desaloja os trabalhadores, da officina, da mina, da fabrica e do campo, convertendo-os em intermediarios e fazendo com este augmento de assalariados improductivos, cada vez mais difficil a vida; que todo homem, requer para seu sustento certo numero de artigos indispensaveis e por conseguinte, necessita dedicar uma quantidade determinada de tempo a essa producção como proclama a a justiça mais elementar; quea sociedade actual leva no seio o germem da destruição no desiquilibrio perenne entre as necessidades creadas pelo progresso mesmo e os meios de satisfazel-as, desiquilibrio que produz as continuas rebelliões que em forma de gréves presenciamos; que a descoberta de um novo instrumento de riqueza e a perfeição dos mesmos leva á miseria milhares de lares, quando a logica nos diz que a maior facilidade de producção deveria corresponder á um melhoramento geral da vida dos povos, que este phenomeno contraditorio demonstra a viciosa constituição presente; que esta constituição viciosa é câusa de guerras intestinas, crimes e degenerações, perturbando o conceito amplo que da humanidade nos deram os pensadores modernos baseando-se na observação e na inducção scientifica dos phenomenos sociaes; que a evolu historica se verifica no sentido da liberdade individual, que esta é indispensavel para que a liberdade pessoal seja um facto que esta liberdade não se perde sindicando com os demais productores, antes augmenta pela intensidade e extensão que adquiere a potencia do individuo; que o homem é sociavel e por conseguinte a liberdade de cada um não se limita pela do outro segundo o conceito burguez, tambem que a de cada um se complementa com a dos outros; queas leis coodificadas e impositivas devem desapparecer para dar passos á norma de convivencia que flue da constatação scientifica vivida de facto pelos povos, gestados e elaboradas pelo povo mesmo em sua continua aspiração pelo melhor; que esta só será possivel quando se tenha verificado a transformação social que destrua os antagonismos que hoje convertem o homem em lobo do homem e facilite a possibilidade dos povos se desemvolverem dentro do mais alto gráo concebivel de liberdade; para que no fim o servo e senhor, o aristocrata e o plebeu, o burguez e o proletario, o amo e o escravo — que com suas differenças têm ensanguentado a historia — se abracem, no fim, com o nome de irmãos.

O 3.º Dongresso Operario do Rio Grande do Sul, declara: Que se deve encaminhar todos os esforços até a consecução dos fins emancipadores enunciados nos considerando que antecedem, valendo se como meio, da creação de sociedades de Resistencia, Federação Local, Estadual até á Confederação, para que assim, procedendo do simples ao composto, e ajustando seu desenvolvimento com as praticas que aconselha o mais amplo federalismo, possamos formar a grande Confederação de todos os productores da terra, e assim, solidarisados, marchemos firmes e decididos pela conquista da emancipacão economica e social da humanidade.

Organisação

O congresso concordou o seguinte systema de orgânisação:

1º Que os trabalhadores de cada localidade se organisem em sociedades de resistencia e de officio, constituindo uma secção de Officios Varios para os que por seu escasso numero não possam constituir secção.

2.º Que todas as sociedades de uma mesma localidade se organisem em Federação Local, com objecto de fomentar a propaganda e desenvolver a organisação accôrdando por meio de Conselho Local, formado pelos delegados de cada sociedade, respeito a todos os assumptos que interessam ao trabalho.

3.º Que as Federações locaes constituam a Federação Estadual o celebrem seus Congressos regionaes nomeando seu Conselho Estadoal que seja o intermediario entre as Federações Locaes, desenvolva a propaganda, fomente a organisação e communique ao Conselho Federal tudo o que se refira ao movimento operario, organização e a aspirações.

4.º Que as Federaçõs Locaes e Estadoaes constituam opportunamente a Confederação Operaria Brasileira que celebrará os seus Congressos nacionaes com os delegados das Federações, resolvendo os assumptos da grande causa dos trabalhadores, nomeando um Conselho Federal de correspondencia de todo o paiz como intermediario entre todas as organisações e Federações, servindo de meio para que se possa praticar a solidariedade com todos os trabalhadores do mundo, afim de conseguir-se a sua completa emancipação social;

5.º Que as sociedades de um mesmo officio de distinctas localidades, constituam a Federação de Officio e que as sociedades affines de uma ou varias localidades constituam a Federação de Officios Semelhantes.

6º. Nossa organisação puramente economica, é distincta e opposta a de todos os partidos politicos burguezes e politicos proletarios, pois como elles se organizam para a conquista do poder politico, nos nos organizamos para que os estados politicos e juridicos, actualmente existentes, fiquem reduzidas a funcções puramente economicas, estabelecendo-se em seu logar uma livre Federação de livres associações de productores livres.

(Continúa)

Federação Operaria Local

Filiada á F. O. R. G. do Sul

Grande Pic-nic

a realizar-se no

Domingo 7 de Março de 1926

na chacara do coronel Germano Petersen, na Floresta.

Bondes I e F

São convidados todos os trabalhadores a não faltarem a esta Festa Campestre, que é a beneficio da Propaganda.

NOTA — As entradas valem tambem para uma rifa.

O Conselho Federal.

Carta aberta

Caro amigo

Para corroborar a tua asserção acerca da pouca valia do jornal a serviço de uma propaganda, apresentaste o teu exemplo: Disseste que pela leitura de jornaes avançados nunca havias conseguido penetrar na comprehensão das idéas anarchistas; e que só quando um propagandista te deu explicações verbalmente é que então, dahi por diante, te fizeras adepto da formosa doutrina.

Perfeitamente. O teu caso é bem singular, no entanto, creio que de cem leitores o teu caso é unico!

Agora, ouça-me: Contraponho ao teu o meu exemplo. O meu caso é typico porque allia-se a outros exemplos:

Quando ainda bem joven, nos meus 17 a 20 annos, eu fazia parte de varias congregações e irmandades religiosas, occupando cargos dentre as respectivas directorias. A esse tempo tornei-me noiva do homem que hoje me acompanha na vida. Elle, que então correspondia á propaganda socialista, ao travar conhecimento commigo, sabedor do juizo erroneo que eu fazia da propaganda avançada, preparou-se logo para me dissuadir do erro e de minha ignorancia.

Mas, as verdades que elle expunha eu as rebatia com hostilidade, obstinada que estava nos dogmas religiosos. As nossas simples conversas acaloravam-se; degenerando sempre em discussões pernicioso effeito para a minha intelligencia, que em vão elle se esforçava por esclarecer. Por um caracteristico demais orgulhoso, eu não me rendia ás explicações...

Dá-se, porém, que por essa mesma occasião publicava-se entre nós, a «A Lanterna». Meu noivo, no louvavel e humano empenho de me converter, lembrou-se de me a enviar, todas as semanas pelo correio. Após os meus afazeres quotidianos, á noite, eu lia-a... por curiosidade. Foi indo até que já me interessava pelo que lia: Agora lia e meditava sobre a leitura. O meu pensamento se ia aos poucos, avolumando... Mesmo assim, logo depois casei-me e fiz questão da formula religiosa para completar a civil.

Entretanto, desapparece da circulação «A Lanterna» e surge em sua substituição «A Plebe». — «A Plebe» saudosa dos primeiros tempos, bem cuidada e dirigida. — Acolhi-a com interesse e continuei sua assidua e carinhosa leitora. Esta outra publicação, de definida propaganda ideologica, me satisfazia melhor do que a primeira — dentro de limitado programma de critica e de combate — porque o sentia bem, correspondia perfeitamente a um idealismo em mim latente — e que não havia ainda, podido, com precisão, determinar-se, envolto que estava nas dobras nevoentas de uma crença absurda e de uma fé inhumana.

Lia-a com immenso gosto: e demorava-me a examinar as indicações de sua bibliotheca com a avidez de querer saber mais do que me facultavam as suas columnas.

Dedicado propagandista forneceu-me alguns livros: outros eu adquiri e mais alguns opusculos.

Estendia as minhas leituras ás obras e jornaes de propaganda socialista.

Mas o meu pensamento desatava-se, agora, na ancia incontida de absorver um maior idealismo. Esvoacei, indecisa em torno de varias luzes e fixei-me viril ante o pharol anarchista.

E, emquanto meu esposo ficava atraz, sonhando com a excellencia de um socialismo parlamentar, eu ia adiante para um futuro mais amplo e longiquo... Mais tarde, não me pejo de gabar-me, fui eu quem o converteu ao anarchismo.)

Ao meu temperamento irriquieto, não satisfazia o ler, sómente. Desejava mais, queria arremetter-me propagando o que em mim vibrava — de indignação pela injustiça e de solidariedade pelo soffrer. Mas, como fazer? Pela palavra oral, sentia a minha incapacidade. Pela escripta, a sociedade, madrasta scelerada, me havia arrancado muito cedo da escola para atirar-me, com brutalidade, em uma officina de aprendizado irracional para o trabalho... Faltava-me a cultura, tão ardentemente desejada. Mesmo assim, certa vez em que deparei com um artigo firmado por um nome feminino, — Maria Antonia Soares — foi tal o estimulo e o enthusiasmo a me empolgarem que ousei compor um artiguete e envial-o á redacção. Com grata surpresa gosei a satisfação de o ver publicado o que valeu-me por um encorajamento. Dahi por diante, não feria os meus olhos quadros de soffrimento, ou de injustiça; não me assaltavam pensamentos; que logo não os imprimisse em tiras de papel para os transmittir aos leitores do jornal.

Comtudo os meus primeiros trabalhos eram indecisos na penetração da idéa e imperfeitos na linguagem. (Deram que fazer...) Comprehendedora do dever, porém, esforçava-me para aperfeiçoal-os.

Hoje, conto com uma cultura embora demais modesta mas que me serve para tornar a vida mais attractiva e agradavel. E devo-a a existencia dos jornaes avançados, das organisações proletarias.

E assim, lendo e estudando, trabalhando e pensando evolui para um sonho primoroso de Perfeição e de Belleza; firmando-me em um idealismo forte e sadio, timbrado no desejo ardente de uma sociedade affectiva, onde uma humanidade valorosa, culta e saudavel, seja engrandecida no Amor, na Arte e no Trabalho.

Tenho a desgostar-me, só, a minha desvalia para ser mais util no preparo do advento dessa sociedade.

Mesmo assim, ainda que com insignificantes grãosinhos, procuro sempre concorrer para a grande obra do edificio social do futuro, fazendo adeptos de grande ideal humano. E, no meu exercicio, na minha cooperação, observo que a propaganda escripta supera á propaganda fallada, por ser aquella sempre mais explicita e persuasiva; — e se attendermos a vastidão da esphera por onde ella pode irradiar-se: os ouvintes de uma exposição oral, são em numero limitado, em uma sala; os leitores de um jornal estendem-se a grandes distancias, pelo mundo.

Um episodio ligado ao meu exemplo para reforçar a minha razão.

Ha tempos fui apresentada á um cidadão, residente em localidade bem distante de S. Paulo, quando a passeio em casa de parentes meus.

Ao saber o meu nome puchou da carteira, della tirou um recorte de jornal e interrogou-me, indicando a assignatura: — E' por acaso, a senhora? — Olhei para o titulo — «A Moral nos Lares», incerto em um numero da «A Plebe». — Perfeitamente, atalhei, sou eu mesma. — Pois então, saiba que tem presente um amigo e ardoroso correligionario, e, o que é mais, um enthusiasta defensor do ideal que a senhora tão bem enaltece nestas linhas. Não calcula a minha immensa satisfação em lhe poder dizer, a viva voz, que a minha transmudação de um individuo nullo para um individuo util, devo a si, por intermedio destas linhas, que me vieram parar ás mãos por uma coincidencia fortuita. Adquiri bom numero do jornal, com este artigo e distribui á larga. E trago sempre no bolso este recorte; quando ouço alguem fazer erradas considerações sobre anarchistas e amor livre, puxo por este «talisman» e os confundo... E creia que mulher e minhas filhas, que, como eu, só sabiam do assumpto o que se dizia através da calumnia, estão soberbas na conversão da nova moral.

Diante do que acabava de ouvir, fiquei entre surpresa e perplexa. Nunca imaginara que aquellas linhas, as quaes não dera valor quando as tracei, fossem daquelle effeito indo actuar á distancia, onde certamente, o meu verbo oral jamais havia de chegar.

Animada com isso, foi que ao dar, com outras companheiras a iniciativa da fundação, entre nós, do «Grupo Feminino de Acção Social», aventei a idéa de se começar a accionar a propaganda por meio de um periodico.

Isa Ruti.

S. Paulo, em Dezembro 1925.

Em torno dos ataques ao 3º Congresso Operario

Respondendo a descabellados e suspeitos ataques de elementos politicos, ao 3º Congresso Operario, realizado nesta capital, fomos obrigados a responder, reptando nossos detractores a apontar e mesmo discutir as suas resoluções que tanto lhes desagradou.

Desde o começo, desviaram-se do assumpto, deixando pois, de pé tudo quanto disseramos e enveredando para ataques pessoaes.

O Syndicalista pois, despreza os torpes ataques desses individuos.

Analysará todavia, pela necessidade de que os trabalhadores conheçam certos individuos, a sua acção, respondendo sómente aos ataques que embora tendenciosos possam deixar duvidas com respeito as idéas e principios defendidas naquelle Congresso.

Quanto aos tartufos, não perdem por esperar... No proximo numero os confundiremos com factos e não com calumnias torpes e insultos que bem dão idéa da mentalidade estreita que os anima.

— FOLHETIM —

D',,O SYNDICALISTA"

6

O Evangelho da Hora

P. Berthelot.

24 «Eis o que elle nos ordena: quanto a mim devo fazer as contas, recitar preces — e executar coisas misteriosas que tu és simples demais para entender;

25 «E tu, do teu lado, deves cultivar o vergel, podar as arvores — cuidar as vergontaes e enxertartar os gorfos;

26 «E farás a colheita dos fructos quando estiverem maduros, mas não os comeremos porque são para Nosso Pae que morreu, e isto é um misterio sagrado.»

27 «O ignorante creu nelle e obedeceu-lhe assim durante largo tempo — mas um dia aprendeu a ler,

28 «E leu o pretendido testamento do pai — e viu que não eram senão mil sandices que o irmão inventara.

39 «E vigiou o irmão, e surpreendeu-o — comer sozinho os fructos do vergel,

30 «E a botar fora tudo o que não podia conservar — para que a sua impostura não fosse descoberta.

31 «Então indignou-se no seu intimo contra esse irmão impostor — e expulsou-o violentamente para longe do pomar».

32 Ora os clerigos e os homens politicos, ouvindo isto, foram tomados de raiva — porque a verdade é um espinho cruel.

33 E começaram a fazer-lhe perguntas insidiosas — para o apanharem em falta contra a lei e o mandarem matar.

CAPITULO VI

Um aprendiz de clerigo acercou-se delle e perguntou-lhe: — «Mestre, devemos respeitar a Lei?»

2 Mas elle respondeu: Pequena serpente — porque me chamas tu mestre?

3 «Não ha em verdade nem discipulos nem mestre — porque o mestre, esse mesmo pode aprender muito de seu proprio discipulo.

3 «Quanto a respeitar a Lei, escuta: — Respeita-te, isso basta, agora como sempre.»

5 Ora passava um troço de recrutas — e um homem perguntou-lhe para o tentar:

6 «Têm os moços obrigação de ir para soldados — ou devem recusar o serviço e fugir?»

7 Elle respondeu: — «Prancha podre! — tomar-te-iam por um homem, e és uma cilada!

8 «Eu não venho dizer o que é preciso fazer hoje — eu annuncio a Hora que vem, afim de cada um se preparar;

9 «Então os que estiverem prontos saberão o que hão de fazer — onde quer que se encontrem.»

10 Mas um daquelles que se vestem como toda a gente — para não despertarem a desconfiança, perguntou-lhe:

11 «Tu que falas tão assisadamente, que nos aconselhas que façamos — no caso de estalar a guerra entre este paiz e outro?»

12 Elle disse-lhe: — «Mascara sinistra, quem sou eu para dar conselhos? — Não tenho patria que defender: não é ainda deste mundo a minha patria.

13 «Mas fica sabendo que se a guerra fizer ainda que seja só uma ameaça — é de crer que com o ruido acorde aquelle que deve marcar a Hora.

14 «E quem pode dizer o que a este e aos outros paizes acontecerá — quando os homens ouvirem soar a Hora?»

15 Outro perguntou-lhe: — «Deve-se pagar o imposto ao Estado?» — Elle respondeu: — «Raça de ouvidos tapados!

16 «Ha perto de dois mil annos que t'o disseram: — «Dai a Cesar o que é de Cesar.»

17 «Dá-lhe as moedas cunhadas com a sua efigie — e as cedulas gravadas em seu nome; pouco perderás com isso.

18 «Porque isso tudo não lhe valerá de muito — quando a Hora das contas tiver soado!

19 «Demais hoje o pobre paga o imposto sem querer nem saber — e quanto aos ricos: que entre si se arranjem os ladrões.»

20 Mas outro homem perguntou-lhe: — «Tu dizes que os ricos são ladrões — mas não é meu este manto que eu comprei?»

(*Continúa*)

Aos nossos collaboradores

A absoluta falta de espaço, nos obriga, deixar para o proximo numero, com pesar, muita collaboração, do que pedimos desculpas aos nossos collaboradores.

Livros

Pede-se aos companheiros que tem em seu poder livros emprestados, ha longo tempo, o obsequio de devolvel-os na séde á rua do Parque n. 112 a qual está aberta das 20 ás 23 horas, todas as noites.

Julgamos que, os que têm as obras em seu poder ha seis mezes já tiveram tempo de lel-as.

O Conselho Federal.